

---

## **Retornar ao passado para ressignificar o presente: inovação e potencialização da voz na podosfera negra<sup>1</sup>**

Márcia Gomes da SILVA<sup>2</sup>  
Paulo Fernando de Carvalho LOPES<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

### **RESUMO**

O presente artigo busca discutir, através de uma revisão bibliográfica, sobre as potencialidades inovadoras do podcasting no contexto da podosfera negra. Destacamos o princípio orientador Sankofa como prática de comunidades negras afrodiaspóricas para recuperar referências e experiências de suas origens como forma de sobrevivência física, epistêmica e cultural, consideramos a oralidade como instrumento de resistência dessas comunidades. Desta forma, buscamos compreender como a cultura oral negra emerge em espaços digitais. Para isto, destacamos o ineditismo do artigo de Florini (2015) e das dissertações de Barner (2021) e Cavalcante (2021). Fizemos uma análise comparativa dos estudos norte-americano e brasileiro para entender como os aspectos inovadores do podcasting aliados à cultura oral negra online são operacionalizados na podosfera negra de cada país.

**PALAVRAS-CHAVE:** podcasting; podosfera negra; inovação; oralidade.

### **Introdução**

O presente artigo busca discutir, a partir dos trabalhos de Florini (2015), Barner (2021) e Cavalcante (2021), as potencialidades inovadoras do podcasting no contexto da podosfera negra. Através de uma revisão bibliográfica, buscamos traçar linhas comparativas entre o uso da oralidade como instrumento de resistência e libertação para comunidades negras e como isso se aplica às novas tecnologias comunicacionais, em especial, o podcasting.

Procuramos responder às seguintes perguntas: o que existe de inovador na apropriação da rede midiática podcasting pela comunidade negra? Que modelos a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação- UFPI, e-mail: [maarciagomessilva@gmail.com](mailto:maarciagomessilva@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor Titular na linha de pesquisa Processos e Práticas em Jornalismo do Mestrado em Comunicação da UFPI. Coordenador do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Discursos (JORDIS), e-mail: [pafecalo@ufpi.edu.br](mailto:pafecalo@ufpi.edu.br).

---

podosfera negra utiliza como referencial para construção de narrativas nessa mídia de voz?. Partimos da hipótese que o podcasting disponibiliza ferramentas para construção de espaços onde a voz negra pode ecoar segundo seus próprios interesses e finalidades.

Este trabalho justifica-se pela ainda escassa produção referente à podcasts negros no campo comunicacional, sobretudo no âmbito brasileiro, e ainda por indicar um diálogo entre inovação e perspectivas afrocentradas.

Inicialmente apresentamos um panorama da conceituação de podcasting no campo comunicacional e seus aspectos inovadores. Em seguida, discutimos sobre oralidade negra partindo do referencial Sankofa para compreender os usos da oralidade na cultura negra brasileira e sua aplicação em espaços digitais. Por fim, destacamos como os aspectos inovadores do podcasting aliados ao uso da oralidade na cultura negra, estão sendo operacionalizados na podosfera negra a partir dos estudos de Florini (2015), Barner (2021), que trazem um cenário de podcasts negros estadunidenses e Cavalcante (2021) para compreensão da podosfera negra no âmbito brasileiro.

### **Aspectos inovadores do podcasting**

Neste tópico iremos abordar os aspectos inovadores do podcasting, assim como alguns de seus usos e sentidos, entendendo inovação, segundo Rossetti (2013), como “um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea midiaticizada e pode perpassar todo o campo da comunicação” (p.64), isto abrange as interfaces tecnológicas e as novas mídias, bem como o impacto social das tecnologias comunicacionais.

A conceituação de podcast no campo comunicacional é ampla e diversa, entretanto, quando identificamos suas origens, descrevemos suas principais características e o diferenciamos de outras mídias o cenário parece desanuviar.

O termo podcasting foi criado pelo jornalista inglês Ben Hammersley em 2004, para nomear o conteúdo sonoro criado em formato MP3, nos quais poderiam ser baixados e reproduzidos pelos usuários dada a crescente popularidade dos tocadores de áudio portáteis (BERRY, 2006). A nomenclatura é uma junção do prefixo “pod” proveniente de iPod, tocadores de MP3 que estavam em alta no período em questão, e o

---

sufixo “casting” provindo de "broadcasting", referindo-se a transmissão massiva de informações. Em sua origem, o termo podcasting designava um tipo de distribuição de áudio através de tocadores de áudio específicos (LUIZ E ASSIS, 2010).

Os estudos sobre podcasting no campo da comunicação englobam uma longa lista de referências que o assemelham ao rádio, não podemos negar suas semelhanças, assim como também não podemos deixar de destacar suas diferenças. Para tanto, partimos do entendimento de inovação relativa, para compreender de que maneiras o podcasting diferencia-se em relação à outra mídia de voz, o rádio, de acordo com Rossetti (2013) a inovação relativa “pode estar no produto da comunicação ou processo comunicativo com respeito a outro produto da comunicação ou processo comunicativo” (ROSSETTI, 2013).

Bonini (2022) indaga por que é tão importante, pelo menos para os envolvidos em estudos de mídia, entender como o podcasting está evoluindo. De acordo com o autor, são duas razões: a primeira refere-se a importância de estudar a evolução do podcasting para entender, de forma mais geral, como todas as mídias evoluem. Para ele, o que chamamos atualmente de ‘podcasting’ é totalmente diferente do que entendíamos pelo mesmo termo em 2004. A segunda razão, é sua difusão generalizada na sociedade que o ouvir podcasts como uma prática muito difundida nos diferentes estratos da sociedade tornando-o uma “ameaça” aos meios audiovisuais tradicionais. Ele defende que não é possível estudar rádio sem estudar podcasting, que não podemos entender as tendências de radiodifusão sem compará-las com as do podcasting e que torna-se cada vez mais um mercado rentável e em ascensão.

Viana (2020), num levantamento de artigos publicados entre 2004 e 2019, nos principais eventos brasileiros de comunicação, apontou que as pesquisas sobre podcasting distinguem-se quanto ao seu referencial teórico partindo de compreensões para explicar e conceituar podcasting em duas linhas, que por vezes se atravessam, são essas a compreensão de podcasting como mídia sonora associada aos estudos sobre rádio e/ou a compreensão como mídia digital ligado a aportes teóricos da cibercultura.

Para fins deste trabalho, entendemos o podcasting como “uma prática cultural e comercial que envolve os processos de produção, transmissão, circulação e consumo de

---

podcast, sendo este último o produto resultante dessa prática” (VIANA, 2022, p. 29). Depois de quase vinte anos do surgimento do termo podcasting, uma amplitude na compreensão dessa prática, subverte os limites entre mídia sonora e mídia digital, ao considerar os contextos sociais e tecnológicos, como os avanços proporcionados pela internet e a ampliação no consumo de dispositivos móveis, assim como as rupturas, continuidades e adaptações em relação ao rádio. Bonini (2022) afirma que o “podcasting tomou emprestado formas e linguagens não só do rádio, mas também da literatura, teatro, artes cênicas, quadrinhos, jornalismo online, ilustração, design e cultura participativa na Internet, e agora é, para todos os efeitos e propósitos, um meio híbrido com especificidade e autonomia próprias.” (p. 16)<sup>4</sup>

De forma a compreender as dinâmicas do podcasting, precisamos apreender suas principais características e os contextos que possibilitaram o crescente avanço dessa prática cultural e comercial nos últimos anos. O desenvolvimento tecnológico e a evolução dos smartphones tornou os podcasts mais acessíveis, tanto em relação ao seu aspecto de produção, visto que apenas com o uso de um smartphone é possível criar conteúdo de áudio digital e publicá-los na internet, quanto em relação ao acesso desses enquanto mídia móvel para ouvintes, visto que em momentos anteriores, a escuta de podcasts era limitada a certos dispositivos, como computadores e tocadores MP3 e tinham que ser baixados previamente.

Esse processo é definido por Kischinhevsky (2015) como a transição de uma cultura da portabilidade para uma cultura do acesso, passando por um momento onde a circulação de conteúdos sonoros se dava através de downloads em computadores e dispositivos móveis no qual o desenvolvimento referente ao acesso à internet junto com a popularização de telefones portáteis inteligentes e a ascensão dos serviços de streaming possibilitou uma acessibilidade na produção e consumo de podcasts.

O aspecto de acessibilidade dos podcasts através de telefones portáteis inteligentes oportuniza um tipo de consumo diferente do rádio. O consumo de podcast é

---

<sup>4</sup> Tradução nossa. No original: “Podcasting has borrowed forms and languages not only from radio, but also from literature, theatre, performing arts, comics, online journalism, illustration, design and Internet participatory culture, and is now, to all intents and purposes, a hybrid medium with its own specificity and autonomy.” (BONINI, 2022, p.16)

---

caracterizado como multiplataforma e individualizado, no sentido de que a escuta se faz de forma individual e o uso de plataformas digitais para divulgação e interação possibilitam a elaboração de comentários colocando em circulação os conteúdos pautados. (VIANA, 2022; KISCHINHEVSKY, 2015)

Entretanto, assim como o rádio, o podcast é um meio intensamente íntimo, “a sensação de estar imerso no som permite que os ouvintes se sintam transportados para a conversa que estão ouvindo” (FLORINI, 2015, 215)<sup>5</sup>. Dessa maneira, identificamos que o podcast estreita os sentidos de escuta atenta, no sentido intensificar de individualização do consumo de conteúdo sonoro, através do uso de fones de ouvido transportando o ouvinte a se sentir nos lugares comuns de sociabilidade dos produtores, mesmo estando fisicamente em outros espaços, há uma recriação portátil de espaços sociais de determinados grupos, como iremos nos aprofundar nos tópicos seguintes.

Quanto à rentabilidade dos podcasts, estes podem ser independentes, sem fins lucrativos, ou comerciais, com fins lucrativos. Segundo Bonini (2020) a mídia pública tradicional, a mídia corporativa e profissionais da área da comunicação adotaram a produção de podcasts para fins comerciais com modelos significativos a partir de 2012, entretanto, nos interessa na discussão do presente trabalho, os podcasts categorizados como independentes.

Segundo Luiz e Assis (2010) no contexto brasileiro a produção de podcasts volta-se para nichos não valorizados pela mídia de massa surgindo em sua grande maioria de iniciativas pessoais e independentes. A PodPesquisa Produtor 2020/2021 realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (abPod) aponta que 65,7% dos produtores de podcasts brasileiros o fazem por *hobby* e não possuem remuneração, a pesquisa também demonstra que, quando remunerados, o financiamento coletivo é a principal forma de captação de recursos dos podcasters, esse último dado indica que mesmo os podcasts remunerados, em sua maioria, não estão ligados à mídia tradicional ou são patrocinados por grandes empresas.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. No original: “This sense of being immersed in sound allows listeners to feel transported into the conversation they are listening to.” (FLORINI, 2015, p. 215)

---

Os podcasts possuem uma variedade de formatos, tanto em relação a quantidade e duração dos episódios gravados e a frequência de postagens, quanto a respeito da diversidade de assuntos tratados. Diferentemente de outras mídias, o podcast oferece aos produtores a liberdade de criar características e normas distintas, proporcionando um meio vantajoso para grupos sociais marginalizados pela grande mídia (BARNER, 2021). Nesse sentido, a produção de podcasts possibilita a seus criadores um espaço favorável para construção de narrativas de diferentes grupos, a diversidade de formatos e temas tratados faz com que podcasters tornem-se protagonistas de suas próprias narrativas e também criem conteúdos sem muitas restrições.

Ainda no contexto dos podcasts independentes, Berry (2006) destaca que os “produtores são consumidores e consumidores se tornam produtores e se engajam em conversas uns com os outros” (BERRY, 2006, p.146), em outros termos, iniciativas independentes de podcasts estabelecem uma relação que, segundo Viana (2022), desfaz as barreiras entre emissores e receptores, no qual a horizontalização das relações fornece um campo fértil para criação de comunidades dentro dessa prática.

Vimos até aqui que os podcasts de caráter independente e/ou que surgem de iniciativas pessoais, diferentemente daqueles financiados ou apropriados pela mídia tradicional, colocam a produção de conteúdo sonoro como espaço de compartilhamento nos quais novos atores e grupos sociais tornam-se fomentadores de suas próprias narrativas, grupos esses marginalizados não só pela grande mídia, mas pela sociedade como um todo.

À vista disso, o podcasting como prática cultural constitui-se como espaço onde múltiplas vozes, inclusive vozes de grupos historicamente oprimidos, elaboram sentidos e identidades através da produção de conteúdo sonoro, frente à falta de representatividade, invisibilidade de suas pautas e da objetificação destes grupos, pela grande mídia hegemônica. Florini (2015) considera os podcasts como mídia alternativa, quando produzidos por podcasters negros, trata-se da criação de espaços por e para o público negro, fora dos modelos dominantes e hegemônicos na sociedade.

No tópico a seguir, discutiremos sobre práticas que centralizam a oralidade como ato resistência protagonizado por comunidades negras e como isso se aplica às

---

novas tecnologias comunicacionais, em especial, o podcasting. Posteriormente, destacamos maneiras nas quais os aspectos inovadores do podcasting aliados à cultura oral negra online são operacionalizados na podosfera negra.

### **Oralidade negra ontem e hoje**

Sankofa é um ideograma de origem Akan, pertencente a um conjunto de símbolos gráficos chamado adinkra, assim como os demais símbolos adinkra, Sankofa tem um significado dotado de princípios e conceitos filosóficos. Sankofa é representado por um pássaro que volta sua cabeça para trás e significa “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás”, embora essa simbologia tenha sua origem nos povos Akan, da África Ocidental, este constitui um profundo significado também nas culturas afrodiaspóricas (NASCIMENTO, 2008).

Segundo Glover, Sankofa “significa voltar às suas raízes e construir sobre elas o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade, em todos os aspectos da realização humana” (1969, apud NASCIMENTO, 2008, p. 31). Neste artigo, compreendemos Sankofa como princípio orientador da prática de comunidades negras afrodiaspóricas em recuperar referências e experiências de suas origens como forma de sobrevivência física, epistêmica e cultural ao longo da história. Também concordamos com a premissa defendida por Alkalimat (2021), quando defende Sankofa como princípio mais importante na história intelectual negra, expressando que “temos que entender que quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas em alguns aspectos” (ALKALIMAT, s.p., 2021)<sup>6</sup>, no sentido de compreender que tais experiências e referências negras não ficaram no passado, mas se atualizam de acordo com o desenvolvimento político, econômico e tecnológico da sociedade.

Neste tópico, compreendemos a oralidade negra através do princípio orientador Sankofa, olhando para trás vamos refletir sobre formação de práticas que pautam a oralidade como centro e em seguida apontar algumas maneiras de como a cultura oral negra emerge em espaços digitais.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa. No original: “we also have to understand that the more things change, the more they remain the same in some respects” (ALKALIMAT, s.p., 2021).

---

Dentre as diversas estratégias e ações coletivas de sobrevivência no período escravista e pós-abolicionista lideradas por grupos negros nos âmbitos político, social e cultural, destacamos aqui a oralidade como prática cotidiana intencional de resistência. Martins (2021) escreve sobre as origens e os processos constituintes da oralidade negra:

As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e *modus* constitutivos, evidenciam o cruzamento de tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos, com que se confrontaram. E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade brasileira, num processo vital móvel, identidade que pode ser pensada como um tecido e uma textura, em que as falas e gestos mnemônicos dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformam-se e reatualizam-se, continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando a singularidade e alteridades negras. (MARTINS, 2021, p. 24-25)

A oralidade constitui-se como um dos princípios estratégicos de resistência cultural e sobrevivência étnica, social e política de comunidades negras em suas diásporas, configurando-se como aparato tradicional de disseminação de conhecimentos, legados, crenças, etc (MARTINS, 2021).

Pereira (2017) indica que “há de se perguntar que perspectivas de organização social perpassam discursos orais, uma vez que atuam também como mediadores nas relações entre grupos menos favorecidos e os demais segmentos da sociedade” (PEREIRA, 2017, p. 496). Por muitos anos existiam limitações inerentes ao sistema escravista que impossibilitaram outras maneiras de disseminação de saberes, a elaboração e desenvolvimento de práticas discursivas orais cercaram o cotidiano de comunidades negras, como mencionado por Martins (2021) práticas híbridas de canto, dança, performance, religiosidade centralizam a oralidade desde o assentamento de negros e negras nas Américas, cruzando “tradições e memórias orais africanas” (MARTINS, 2021, p.24).

Pereira (2017) e Martins (2021) destacam o Congado, um sistema religioso afro-brasileiro, como prática que encruza fala, canto e performance, Pereira ressalta que as elaborações discursivas dessa prática evidenciam trajetórias individuais, bem como relações de trabalho e disputas religiosas da comunidade que esses pertencem, o



---

Congado traz, portanto, uma profunda manifestação ritualizada de discursos orais de forma estabelecer relações com a comunidade criando um sistema de comunicação.

Podemos mencionar ainda, as canções de trabalho, as ladainhas de capoeira, os mitos dos orixás e/ou itãs, como manifestações da disseminação de saberes dentro de comunidades afrodiáspóricas, manifestações essas que, encruzam diversas práticas, como canto, dança, performance, contação de histórias e sistemas religiosos.

Lu e Steele (2019) denominam de cultura oral negra o conjunto de práticas que centralizam o conhecimento através da oralidade como forma de resistência de negros e negras nas Américas. Tais práticas de resistência cotidiana fazem parte de estratégias que podem ser negligenciadas pelo grupo dominante e por esse motivo, acabam prosperando nas comunidades negras.

Mesmo com o acesso a determinados materiais e as novas tecnologias, a oralidade continua sendo um meio para disseminação de conhecimento e compartilhamento de experiências entre o povo negro, ocupando novos espaços e se utilizando de outros equipamentos ao mesmo tempo que resgata antigos costumes. Lu e Steele (2019) ressaltam que devemos pensar em como a cultura oral negra se manifesta em espaços digitais, segundo as autoras, determinadas tecnologias comunicacionais estão sendo usadas por grupos negros para cultivar resistência, assim como no passado, esses grupos utilizam estratégias para criação de práticas discursivas que escapam ou confrontam a percepção do grupo dominante.

Investigando a participação de usuários negros no *Twitter* e no *Vine*, Lu e Steele (2019), destacam estratégias em que a oralidade negra é operacionalizada em tecnologias comunicacionais. Dentre as estratégias estão a elaboração de práticas discursivas que escapam à detecção do grupo dominante, nas quais se faz necessário a compreensão da cultura negra para seu entendimento completo, e como extensão dessa prática, a criação de contra-narrativas onde a celebração de vidas negras é construída como forma de subverter tentativas da grande mídia enquadrar narrativas de morte desse grupo social.

Portanto, é importante ressaltar que a cultura oral negra tradicional, fundada a partir do assentamento de povos africanos nas Américas persistem, concomitantemente

---

a cultura oral negra se manifesta em espaços digitais, uma experiência não anula a outra, o que nos interessa aqui é refletir, a partir do sentido orientador Sankofa, de que maneiras antigos princípios são incorporados no uso de tecnologias comunicacionais.

No próximo tópico, veremos como os aspectos inovadores do podcasting aliados ao uso da oralidade na cultura negra estão sendo operacionalizados na podosfera negra como espaço de potencialização da voz, a partir dos trabalhos de Florini (2015) e Barner (2021), que trazem um panorama de podcasts negros estadunidenses e Cavalcante (2021) para compreensão da podosfera negra no âmbito brasileiro.

### **Podosfera negra e a potencialização da voz**

As autoras aqui mencionadas utilizam os termos podcasts negros e podosfera negra para denominar agrupamentos de podcasts (produto) e podcasters (produtores), no sentido defendido por Barner (2021) que delimita podcasts negros como aqueles não só produzidos por pessoas negras, mas que além disso, tratam em seus programas de questões fundamentais desse grupo social de forma intencional, e/ou que se identificam como podcasts negros.

Florini (2015) traz a perspectiva da recriação portátil de espaços sociais de grupos negros através do podcasting, no estudo sobre uma rede de podcasters negros autodenominado “*Chitlin Circuit*” ou “podcasters urbanos”. Os podcasts propõem conteúdos que se assemelhem a natureza conversacional no uso de lugares-comuns culturais negros americanos, combinados com, o que a autora considera como qualidades íntimas do áudio no estilo de rádio. Em sua análise eles reproduzem uma sensação de estar em espaços sociais negros como a barbearia/salão de beleza ou a igreja.

Buscando construir sem restrições, ao utilizar vernáculos negros, os podcasters transmitem para os ouvintes uma intimidade existente nos espaços de enclave da sociabilidade negra com objetivo de recriar espaços para um escuta de ouvintes negros. Nesse sentido, a escuta atenta proporcionada pelos podcasts associado ao uso de expressões próprias da cultura negra por parte desses podcasters, não só recria espaços

---

de sociabilidade negra, mas tais práticas discursivas escapam à detecção do grupo dominante, uma vez que é necessário uma compreensão da cultura negra para seu entendimento completo. A autora conclui que os podcasts não simplesmente imitam os enclaves negros a interação é o diferencial. A interatividade é um ponto fundamental na proposta em análise.

De acordo com ela, foi possível perceber uma rede de mídia digital e social criando vários caminhos para haver a participação do ouvinte com salas de bate-papo em tempo real no momento das transmissões ao vivo, uma forte mídia social com vários caminhos ( e-mail, espaços para comentários, salas de bate-papo e correio de voz) para o feedback dos ouvintes. Outra estratégia observada é a inserção de comentários nas salas de chat ou no Twitter durante as discussões de shows, permitindo aos ouvintes um meio de interação síncrona e participação que permite que os membros da audiência se tornem interlocutores nas conversas à medida que o episódio está no ar.

De forma similar, a dissertação de Barner (2021) estuda como a negritude é negociada e performada dentro de um grupo de podcasts *Tea with Queen & J* (2014-atual), *The Black Joy Mixtape* (2016-2018), *Marsha's Plate* (2016-atual) e *The Clubhouse with Mouse Jones* (2019-) produzidos por mulheres negras e queer. A pesquisadora utiliza a análise textual, o estudo de casos e a observação participante para examinar como a identidade negra está posicionada.

Barner (2021) define os podcasts negros como espaços marginais que centralizam demandas de grupos historicamente oprimidos e amplia o sentido da utilização de vernáculos negros em podcasts. Aponta a estratégia do não uso de "vírgulas explicativas"<sup>7</sup> cuja "a função da vírgula explicativa é fornecer mais contexto ou explicação de um conceito que o ouvinte não pode entender", ou seja, o não uso intencional da vírgula explicativa configura-se como ato de "se recusar a educar"<sup>8</sup> grupos sociais que não seu público alvo. No caso do podcast analisado, as produtoras e o público que elas procuram atender são mulheres negras e queer.

Barner (2021) considera que os podcasts estendem também o sentido de intimidade proporcionada pela escuta atenta de podcasts e a recriação portátil de espaços de sociabilidade negra. Segundo ela, a intimidade é um lugar de segurança, ao

---

<sup>7</sup> Tradução nossa. No original: "explanatory comma" (BARNER, 2021, p.45).

<sup>8</sup> Tradução nossa. No original: "refuse to educate" (BARNER, 2021, p.47).

---

se referir aos espaços sagrados de compartilhamento de experiências vividas por mulheres negras, nos quais podcasters negras gravam seus programas em ambientes cotidianos de intimidade, como a sala e a cozinha de suas casas, essa prática reforça o senso de intimidade tanto para as produtoras quanto para as ouvintes. Com um formato não estruturado os podcasts incentivam um formato longo e íntimo conversas que são os principais recursos de muitos podcasts.

A autora conclui que a pesquisa foi realizada em um momento importante - a pandemia. Momento em que uma "agitação racial" se fez presente. Tanto a pandemia global e a agitação racial colocaram a vida de cabeça para baixo, diferente de como conhecemos, e este cenário pediu também uma mudança da lente sobre negritude nos Estados Unidos. A pesquisa buscou pensar como a negritude é produzida, contestada e realizada no meio digital, especificamente no podcast. Ressalta que os resultados servirão como arquivos para entendermos o que a negritude significou e como mudou durante esta pandemia. Os podcasts serviram como plataforma para novas perspectivas e vozes que emergiram das margens.

Cavalcante (2021), analisa podcasts independentes, são objetos de estudo os podcasts Afetos e Kilombas. Como destaque foi identificado o apoio mútuo na podosfera brasileira, no caso de podcasts negros, a criação de hastags como #podosferanegra e a gravação de programas em parceria configuram-se como as principais estratégias na construção de redes de apoio. Observamos neste ponto, a horizontalização das relações e construção de comunidades, como indica Viana (2022).

Cavalcante (2021) ao trazer um panorama inaugural sobre a produção negra feminina em podcasts brasileiros, pontua a centralidade de assuntos como o protagonismo de mulheres negras em diferentes espaços sociais, trajetórias pessoais de mulheres negras e assuntos que versam sobre as relações étnico-raciais entre os temas abordados na podosfera negra feminina, temas esses que não são tratados rotineiramente nas mídias tradicionais, têm nesses podcasts sua abordagem principal, vimos aqui que mulheres negras, enquanto grupo historicamente oprimido, operacionalizam o podcasting para tratar de narrativas que as colocam como protagonistas, centralizando pautas coletivas desse grupo social.

Tecemos nesta seção um horizonte para compreender os aspectos inovadores do podcasting aliados ao uso da cultura oral negra são operacionalizados pela podosfera

---

negra e/ou por podcasters negros. Observamos que ao criar práticas discursivas com uma linguagem elaborada a partir da cultura negra, no caso dos v<sup>er</sup>naculos negros, são estratégias para focar conteúdos em seu público alvo, e de certa forma, dificultar a compreensão de grupos dominantes (BARNER, 2021), o uso de tecnologias comunicacionais, como o podcast, para construção de narrativas de grupos marginalizados também se comprova através da pesquisa de Cavalcante (2021), assim como a recriação de espaços íntimos de sociabilidade negra são reforçados nos podcasts estudados por Florini (2015) e Barner (2021).

### **Considerações finais**

Na construção deste trabalho buscamos compreender o conceito de podcasting levando em consideração a ampla literatura que o assemelha ao rádio, dialogando com perspectivas recentes que coloca o podcasting de forma ampla como uma prática cultural (Viana, 2022) que abarca os processos de produção, circulação e consumo, destacando podcasts de caráter independente, traçamos alguns de seus aspectos inovadores e partindo de uma perspectiva afrocentrada, destacamos como a cultura oral negra se manifesta em espaços digitais.

Dessa forma, observamos que os aspectos inovadores do podcasting quando aliados à uma cultura oral negra são operacionalizados como forma de criar narrativas, nas quais grupos negros são protagonistas, seja como forma de reivindicar pautas coletivas, na construção íntima de espaços digitais que se assemelham a sociabilidade negra, na criação de contra-narrativas dada a subordinação tratada na mídia tradicional, e ainda na elaboração de práticas discursivas que ficam fora da percepção do grupo dominante.

Notamos que os modelos que a podosfera negra está utilizando como referencial para construção de narrativas em seus podcasts baseia-se em uma cultura oral negra, fundada a partir do assentamento de negros e negras nas Américas, remodelando perspectivas africanas de disseminação de saberes e conhecimento de forma coletiva.

Buscamos contribuir para as questões de inovação no campo comunicacional na construção de conexões entre o podcasting e perspectivas afrocentradas, visando um direcionamento que associa o passado como referencial para edificação presente e

---

futura, como orienta o princípio Sankofa. Entretanto, ainda precisamos de trabalhos empíricos no campo da comunicação sobre a podosfera negra, sobretudo no âmbito brasileiro, para uma visão mais aprofundada de como as questões de inovação e cultura oral estão sendo instrumentalizadas.

## REFERÊNCIAS

ABPOD. PodPesquisa 2020/2021 - Produtores. (Atualizado). **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS**. Disponível em: [https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021\\_Abpo d-Resultado-ATUALIZADO.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpo d-Resultado-ATUALIZADO.pdf) Acesso em: 03 jul. 2022.

ALKALIMAT, Abdul. The sankofa principle: from the drum to the digital. In: RISAM, Roopika, JOSEPHS, Kelly Baker (org.). **The Digital Black Atlantic**. ed. Roopika Risam and Kelly Baker Joseph. University of Minnesota, 2021.

BARNER, Briana Nicole. **The Last Place They Thought Of: Black Podcasts and the Performance of Marginalization**. Dissertation. University of Texas, Austin. 175p. 2021.

BERRY, Richard. 2006. **Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio. Convergence: the international journal of research into new media technologies**, 2006.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como novo meio digital digital massivo. Trad.: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias** - Revista de Estudos em Mídia Sonora, Marina-MG, v.11, n.01, p.13-32, jan./abr. 2020.

BONINI, Tiziano. Prefácio. In: SANTOS, Sílvio, MIRANDA, João (coord.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação do Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade do Porto, 177p. 2021.

FLORINI, Sarah. The podcast “Chitlin Circuit” black podcasters, alternative media and audio enclaves. **Journal of Radio & Audio Media**. v.22, n. 2, p. 209-219, 2015.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Da cultura da portabilidade à cultura do acesso: a reordenação do mercado de mídia sonora**. Anais do XIV Congresso Internacional Ibercom. São Paulo: USP, 2015.

LU, Jessica H; Steele, Catherine Knight. ‘Joy is resistance’: cross-platform resilience and (re) invention of Black oral culture online. **Information, Communication & Society**, 2019.

---

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais.** XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, set. 2010.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória.** Belo Horizonte: Mazza Edições; Perspectiva, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A matriz africana no mundo.** São Paulo: Selo Negro, 2008.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Herdeiros de ananse: memória social e mitopoéticas em comunidades afrodescendentes de Minas Gerais. In: **Histórias afro-atlânticas:** [vol.2] antologia. PEDROSA, Adriano, CARNEIRO, Amanda, MESQUITA, André (org.). São Paulo: MASP, 2018.

ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v.14, n.27: (63-72) jul-dez, 2013.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n.3, p.1-16, dez./mar. 2020.

VIANA, Luana. 2022. Podcasting e a nova ecologia de mídia. In: SANTOS, Sílvio, MIRANDA, João (coord.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital.** Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.